

Ca len dário. rio

FADO

Caminho sob o sol

que morre

e sinto que

por detrás de meus passos

o dia,

implacável,

ainda me segue.

Jorge Verly

Governo do Estado do Espírito Santo

Governador

José Renato Casagrande

Vice-Governador

Givaldo Vieira da Silva

Secretário de Estado da Cultura

Maurício José da Silva

Subsecretário de Estado da Cultura

Joelson Fernandes

Gerente de Ação Cultural

Rita Sarmento

Gerente do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas

Nádia Alcure Campos da Costa

Instituto Sincades

Presidente

Idalberto Moro

Gerente Executivo

Dorval Uliana

Coordenadora de Programas e Projetos

Ivete Paganini

Coordenadora de Projetos

Lívia Caetano Brunoro

Jornalista

Roberta Fachetti Silvestre

Assistentes de Projetos

Bruna Casoli

Patrícia Soares Lucio

Ca len dário. rio

Jorge Verly

Secult
Vitória, ES
2014

© Secretaria de Estado da Cultura, 2014
Governo do Estado do Espírito Santo

Coordenação Gráfica e Editorial
Márcia Selvátice Tourinho

Revisão
Ariani Caetano

Projeto gráfico e diagramação
Link Editoração

Impressão
GSA Gráfica e Editora

Tiragem
1.000 exemplares

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Pública do Espírito Santo

V521c

Verly, Jorge, 1981.

Calendário / Jorge Verly; coordenação
editorial de Márcia Selvátice Tourinho;
revisão de Ariani Caetano. – Vitória - ES: Secult, 2014.
74 p.

1. Poesia Brasileira. I. Título

CDD: B869.1

Novos horizontes e descobertas

A palavra é a mãe de todas as manifestações do engenho humano. É por meio delas que construímos nossos códigos de entendimento e absorção do mundo. Ainda que possamos manifestar-nos por meio da música e das artes visuais, são sempre elas, as palavras, as estruturas constituintes do nosso pensamento.

São dezenas de livros lançados pela Secretaria de Estado da Cultura desde o início do Governo Renato Casagrande, demonstrando a força e pujança de nossos escritores, sendo motivo de satisfação a publicação dos livros agraciados pelos Editais da Secult 2011 a 2013.

Narrativas curtas e longas, poesias, crônicas, contos, histórias em quadrinhos, obras para o público infante-juvenil que integram esses lançamentos são uma mostra do quão talentosos e profícuos são os escritores que vivem e produzem nos dias de hoje no Espírito Santo. Por tudo isso, podemos afirmar que levar essas obras aos leitores da Grande Vitória e do interior do Estado é descortinar universos que promovem a elevação do espírito humano através da promoção da arte e da cultura.

Todas as obras editadas pela Secult, seja através de Editais ou de parcerias como as realizadas com o Instituto Sincades e outras instituições, são distribuídas em bibliotecas e escolas de todo o Espírito Santo. O lançamento destes livros, por exemplo, reafirma a política cultural de apoio permanente ao livro e ao estímulo à leitura do Governo Renato Casagrande. Assim como outras ações, como a Biblioteca Móvel – que leva livros e suporte para promoção de leitura a bairros em situação de risco da Grande Vitória dentro das ações do Estado Presente –, e a Biblioteca Transcol – que hoje conta com acervo de mais de 12 mil obras para empréstimo aos usuários do sistema de transporte público, distribuídos em 10 terminais rodoviários.

A todos desejamos uma excelente leitura. E que os horizontes descortinados pelos nossos escritores sejam sempre plenos de novas descobertas.

Maurício José da Silva
Secretário de Estado da Cultura

A cada livro lido, um novo capítulo na história de vida de cada leitor

“Meus filhos terão computadores, sim, mas antes terão livros. Sem livros, sem leitura, os nossos filhos serão incapazes de escrever – inclusive a sua própria história”. Atribuída a Bill Gates, essa frase resume a contribuição, cada vez maior, do Instituto Sincades à publicação de livros, especialmente de autores capixabas.

O Instituto de Ação Social e Cultura Sincades – Instituto Sincades tem como principal foco de ação apoiar e fomentar a cultura capixaba em todas as suas manifestações

A parceria com o Governo do Estado do Espírito Santo, por meio da Secretaria de Estado da Cultura e da Biblioteca Estadual, tem sido profícua. O acesso gratuito às obras de autores capixabas e a distribuição de exemplares para as bibliotecas mais importantes do país e para as bibliotecas municipais capixabas democratizam e incentivam o saudável hábito da leitura. Ampliam o conhecimento de nossa produção literária, valorizam nossos autores e aproximam o autor do leitor.

Este livro, portanto, não é só mais um livro. É mais uma contribuição para que cada um de nós, leitores, possamos refletir e escrever a própria história que, após cada livro, vai se tornando cada vez mais rica.

Boa leitura.

Idalberto Moro
Presidente do Instituto Sincades

Este livro é para Mary.

PREFÁCIO

Como o título e as partes internas (Os meses e Os dias) parecem explicitar, o grande tema dos versos de *Calendário*, de Jorge Verly, é mesmo o tempo e o que dele deriva: a finitude, o incompleto, a morte. O desejo de entender as engrenagens do tempo, tanto na dimensão física quanto na metafísica, e de seu poder diante da vida humana confunde-se com a própria impossibilidade de realização desse desejo.

A tentativa de estancar o tempo em meses e dias torna-se uma forma de o sujeito pertencer ao mundo. Daí, ganha volume a noção de instante [“o relâmpago do milésimo segundo“], que é aquele relance em que o olhar apreende algo que terá abrigo no poema. A sensibilidade do poeta se movimenta incessante: do instante se projeta ao pretérito [“Estou há milênios a. C.”] e ao futuro [“o dia que virá“]. O poema é a casa do espanto. O problema é que o poema – pensado, em andamento, pronto – traduz outra forma de espanto. O poeta sabe que o poema é um corpo e, por isso, se compara a um cirurgião, no belo “A impossível exegese”.

Em face disso, algumas imagens e figuras se fazem constantes nos versos de Verly. Desde os primeiros poemas, a presença do estilhaço, do caco e do fragmento se impõe, e a preferência por poemas e versos curtos se explica. Corpo do poema, corpo do poeta: em “Açougue”, carne, peito, fígado, sangue, olhos e coração, distribuídos ao longo de poucas linhas, mostram que a integridade é tão somente máscara. Mesmo os objetos e as coisas parecem se cercar de mistérios que deixam atônito o sujeito que não se rende a falsas evidências. Não é à toa que tantos poemas terminem com um incontornável sinal de interrogação: o radical espanto produz perguntas. Em “Tarde”, após se entupir de café – “como se ligado a um potente / gerador. / Eletrifico-me. / Que ninguém se aproxime: dou choques” –, a intensidade é tanta que o corpo extravasa e só um poema pode se aproximar e absorver a força que escapa da represa.

Quando escapa, ganha forma e beleza, como em “Outubro”: “Luto: / um urubu / que vai se imiscuindo / em tudo”. Em quatro versos, o sentimento de luto se imiscui em “tudo” através da repetição do fonema /u/, que se infiltra, tônico ou átono, do título ao fim: “...TU/bro, LU/to, um, u/ru/BU, ...cu/([in])/do, TU/do”. Nem tudo, no entanto, em *Calendário*, se faz à luz de tensões de timbre fúnebre. Há muito humor aqui – leiam-se os deliciosos “Estudo de ontologia fundamental”, “Divã” e os quatro poemets de “Microcosmos” –, assim como reflexões de ordem metapoética, cenas e episódios eróticos (entre vulvas e prepúcios), predileção pela imagem da pedra e a composição de um vasto bestiário.

Ademais, todo poeta, de um jeito ou de outro, deleita-se em mimar o leitor com pistas de textos e autores que compõem seu pai-deuma. Verly, em *Calendário*, segue essa tradição: Mallarmé, Eliot, Drummond, Cabral e Bandeira são alguns dos nomes que, na superfície da letra, se dão de brinde; outros, decerto, estão lá à espera da chave que cada leitor possui, intransferível, porque cada um de nós tem seu próprio “resíduo, / caraca da memória / que teima / em fazer sentido”. Este é um livro, enfim, sobre o tempo e seu poder sobre a gente. O poeta, o que tenta, quer, já se disse, entender-se diante desse que é um dos deuses mais lindos. O livro se oferece, enquanto nos entretém, como uma forma de entendimento, outro nível de vínculo. Assim, aos que, feito Verly, enfrentam o tempo de cara, só nos resta o gesto alegre de desejar uma vida longa – vida longa aos versos deste *Calendário*.

Wilberth Salgueiro
*Professor de Literatura Brasileira na
Universidade Federal do Espírito Santo*

Uma ordem

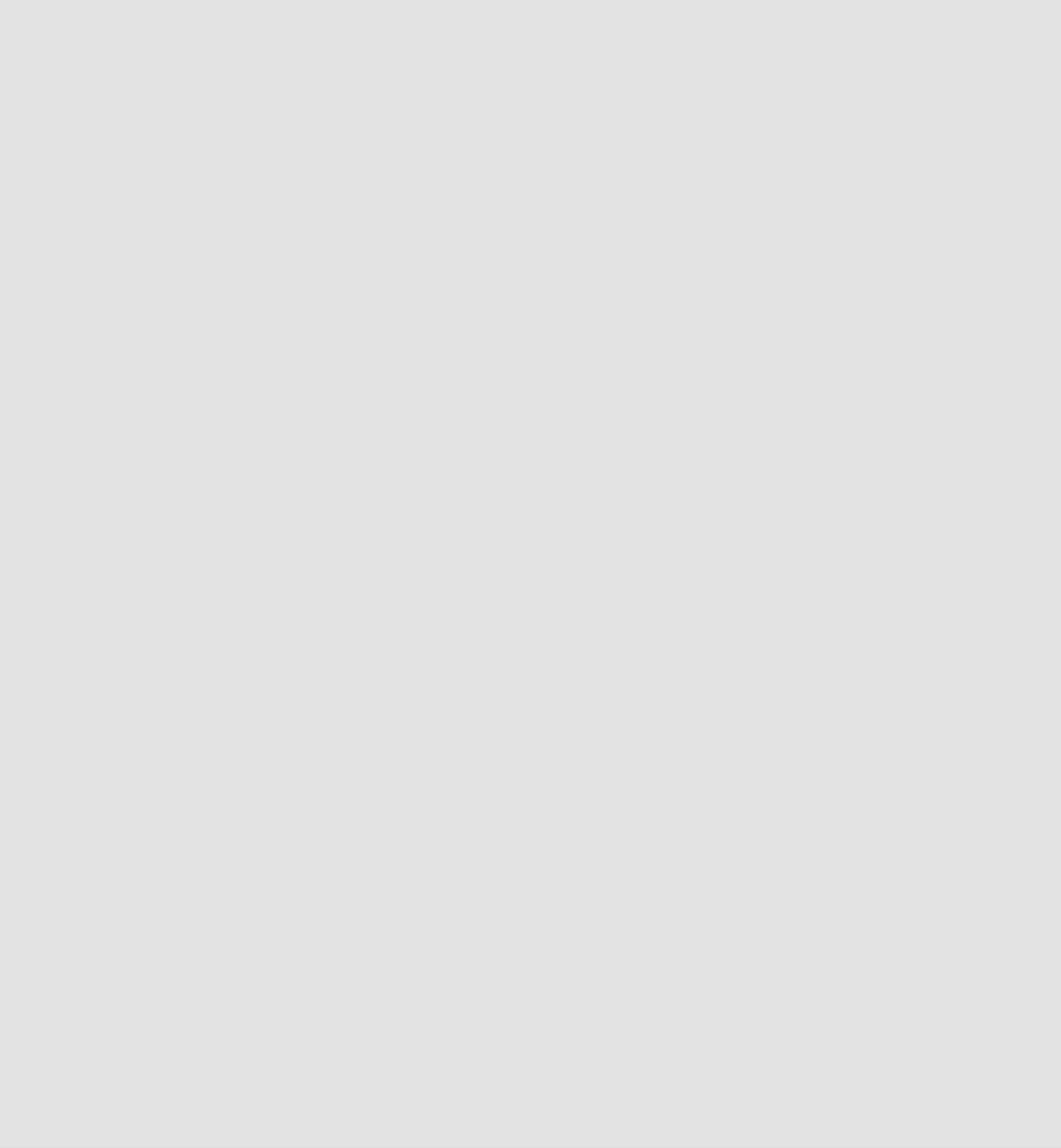
OS MESES..... 17

≡ JANEIRO	18
≡ MARÇO	19
≡ ABRIL	20
≡ ABRIL II	21
≡ MAIO	22
≡ JULHO	23
≡ JULHO II	24
≡ JULHO III	25
≡ OUTUBRO	26
≡ NOVEMBRO	27

OS DIAS 29

≡ UM INSTANTÂNEO DA DINAMARCA	30
≡ UM UNIVERSO	31
≡ AO FECHAR UM LIVRO DE BAUMAN	32
≡ ESCREVER	33
≡ O POEMA PERDIDO	34
≡ ESTUDO DE ONTOLOGIA FUNDAMENTAL	35
≡ A UMA PAISAGEM VISTA NUM SONHO	36
≡ TEMPESTADES	37
≡ DIVÃ	38
≡ TARDE	39
≡ UM VERBO	40
≡ AÇOUGUE	41
≡ SÁBADO	42

≡ ANTES DE JOGARES UMA PEDRA AO MAR	43
≡ ANUNCIAÇÃO	44
≡ CANÇÃO	45
≡ NO MEIO DO DIA	46
≡ FADO	47
≡ O DEUS DO DIA	48
≡ DAS ACROBACIAS	49
≡ OSTRAS	50
≡ GRAMÁTICA	51
≡ PICADA	52
≡ PRECE	54
≡ MEIO	55
≡ FILHO	56
≡ MANHÃ NO ZOOLOGICO	57
≡ MANHÃ	58
≡ AULA	59
≡ A IMPOSSÍVEL EXEGESE	60
≡ OS OSSOS	61
≡ A UMA PEDRA	62
≡ O CATAVENTO	63
≡ UM CRIME	64
≡ POEMA RETIRADO DE UM SITE DE NOTÍCIAS	65
≡ MICROCOSMOS	66
≡ RESÍDUO	67
≡ ESTA MESA	68
≡ ROTA	69
≡ UMA MÃO	70
≡ AOS ÁRCADES	71
≡ O ÚLTIMO	72



Os Me ses

*Sinto todo o amor
Sinto todo o terror
Do negror destes tempos
(Caetano Veloso)*

≡ JANEIRO

Estilhaços
de vidro
rasgam a mão,
furam a carne,
entram pelos músculos
e chegam ao centro
de tudo.

≡ MARÇO

O dia,
tão branco como o aço
de um bisturi
exato
- mas que não sabe
qual dos
nervos extirpar -,
resplandece entre
as coisas,
instaura seu
reino
de certezas sobre elas.
Tanto que
o lápis,
o grampeador e a tosca
estátua de São Jorge
parecem
dançar uma
ciranda sobre a
mesa,
autômatos
guiados por sua
ordem.

≡ ABRIL

A morte toca
a vida
em seu início,
antinatural,
como um formidável pé
que esmaga uma semente e
interrompe
o coito
da sombra que um dia
aplacaria o sol.

≡ ABRIL II

Estilhaçar-me pelo chão
em mil pedaços
como cristal
vagabundo,
o meu desejo.
Catar depois os
cacos,
quem vai?

≡ MAIO

Maio veio
cheirando à dor
e extinção,
o mesmo cheiro
que antecedeu o colapso
da magnífica civilização,
o cheiro que impregna agora
este mês que atravesso:
Maia
e maio.

≡ JULHO

Além dos veios
deste corpo,
da pele,
cabelo,
pelos e órgãos,
dos ossos
e de seu tutano,
além da vital medula,
repousa esta verdade:
estou.

≡ JULHO II

Ecoa ainda
a pergunta,
antes de naufragar
na tela
do cinema:
“É possível morrer?”
É possível
entre as coisas desaparecer,
desvanecer-se de tudo,
desprender-se
como etéreo gás,
largar o corpo
e o mundo,
saltar
e sumir?

≡ JULHO III

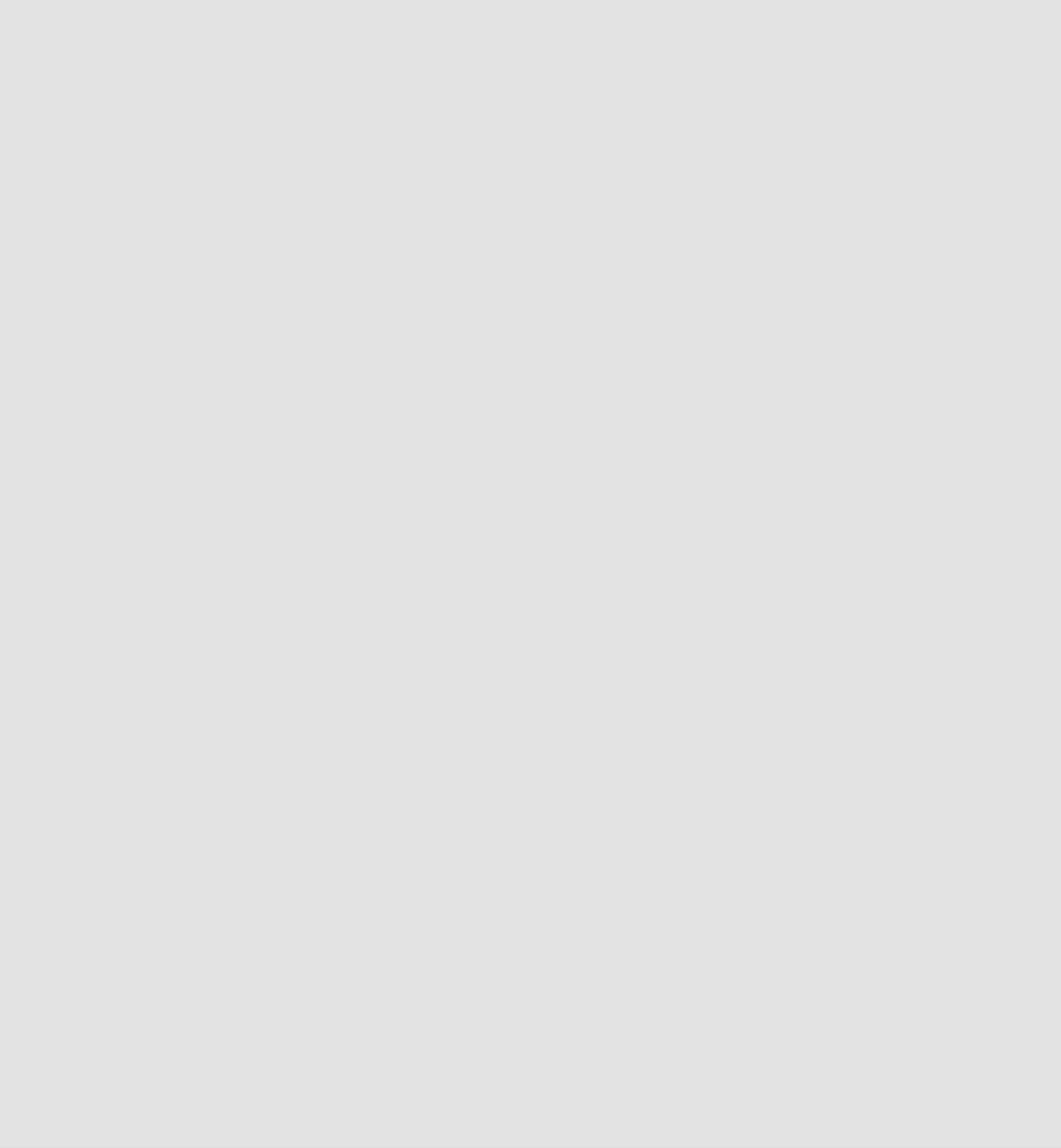
Estar morto é isto:
uma pálpebra cerrada
– vincos imperceptíveis –,
prepúcio que cega a luz.

≡ **OUTUBRO**

Luto:
um urubu
que vai se imiscuindo
em tudo.

≡ NOVEMBRO

Vem o desejo
de chupar
manga,
a carne viva
e amarela,
por fora e no cerne.
A manga é sem fiapos.
Minha alegria não.



Os Dias

*Onde escondeste o verde
clarão dos dias?
(Ferreira Gullar)*

≡ **UM INSTANTÂNEO DA DINAMARCA**

Na água calma
do riacho
o vestido
outrora branco
abre-se como
uma vulva
sem-vergonha:
Ofélia entre flores!

≡UM UNIVERSO

Larvas
no tudo de ensaio.

≡ AO FECHAR UM LIVRO DE BAUMAN

No final desta precária ponte
começa outra,
mais uma entre as milhares
que ainda nos
sustêm
por mais um
instante,
talvez o relâmpago do milésimo segundo
que nos resta
antes que tudo
nafrague.

≡ ESCREVER

Escrevo-me.
Pelas palavras
componho
meu retrato,
este rastro torto
de imperfeições
e silêncios.
O que
mais posso fazer
do que me entregar
inteiro
a esse narciso
que me possui?

≡ O POEMA PERDIDO

Perdido está o poema,
talvez num
imenso labirinto
forjado por mitologias
e sombras.
Desconheço a forma
e a beleza
que mexerão comigo
quando eu o captar.
Ouço apenas seu sussurro,
como o do pedra,
e seu ancestral chamariz
de mineral.
O poema queda,
sei que inteiro queda
em algum
sítio perdido.
Saberei encontrá-lo?

≡ ESTUDO DE ONTOLOGIA FUNDAMENTAL

Uma luz
pode
ser a salvação
de uma alma
em meio ao
breu
da noite escura.
Ou pode ser também
um sinal:
a eletricidade
voltou.

≡ A UMA PAISAGEM VISTA NUM SONHO

O homem contempla
sua casa,
uma ilha
em meio a tantas outras
espalhadas pela imensa
cidade,
talvez estrangeira,
com seus edifícios,
pontes, jardins,
e pórticos,
elementos compondo este
metafórico mar
que cerca sua casa,
uma ilha que é
um simples traço
nesta paisagem vista
num sonho.

≡ TEMPESTADES

Há tantas,
neste instante
registro
várias delas:
num copo d'água,
na rede elétrica,
dentro do meu cérebro.
E que ninguém duvide:
têm todas
a potência para aniquilar
o planeta.
Perto delas,
o vento hostil e a chuva que
cai em cântaros
lá fora
são absolutamente nada.

≡ **DIVÃ**

Cabeça, tronco
e membros:
eis a clássica lição
de anatomia.
Mas o que fazer
do desejo
que os sacode,
hein, doutor?

≡ TARDE

Faço café
e me entupo dele
a tarde inteira,
meu corpo
jorrando cafeína,
como se ligado a um potente
gerador.
Eletrifico-me.
Que ninguém se aproxime:
dou choques.

≡UM VERBO

Desperto os pássaros,
espalho raios
de sol pelos quatro cantos
do planeta,
dissolvo com violência
a aragem da madrugada
que morre:
amanheço.

≡ AÇOUGUE

A carne é fraca,
o peito
é de aço,
um fígado às vezes não
vai com o outro,
o sangue é de barata,
os olhos veem tudo
e dizem que
o coração nada sente.

≡ SÁBADO

Solene, recito Eliot,
a voz potente
reverberando pela casa.
E nem mesmo eu
a ouço, já que
no vizinho
o *funk*
em último volume
sentencia:
vou ficar atoladinho.

≡ ANTES DE JOGARES UMA PEDRA AO MAR

Antes de jogares
uma pedra
ao mar,
pensa
nas consequências do teu ato.
Pensa que ela
continuará ecoando
no tempo,
transformada
em ondas e ondas,
daqui a milênios
ainda haverá muitas delas.
Talvez uma traga
de volta
a pedra inocente
que atiraste,
talvez ela delicadamente
se deposite
aos pés de uma criança,
onde tua ânima,
depois de vagar
errante
por mil encarnações,
acabará por pousar.

≡ ANUNCIAÇÃO

Também a mim
visitou
um anjo.
Não era belo, não era *gauche*,
não tocava trombeta
nem balançava as asas ao vento.
Apenas veio.
Nada disse, mas entendi
sua enfática
e definitiva mensagem:
sou anjo,
só podes ser poeta.

≡ CANÇÃO

Com os destroços
deste dia
construo uma ponte,
essa essencial
passagem
para atravessar
o dia que virá.

≡ NO MEIO DO DIA

Se acaso passares
pela mesa de trabalho
em ordem,
pela pia meticulosamente
limpa,
pela cartela de
ansiolíticos
intacta em sua caixa,
segue.
Tema as coisas.
Há nelas tamanho mistério
que apenas ao olhá-las
(sequer pensa em tocá-las!)
o universo inteiro
poderá
transmutar sua rota.

≡ FADO

Caminho sob o sol
que morre
e sinto que
por detrás de meus passos
o dia,
implacável,
ainda me segue.

≡ O DEUS DO DIA

O deus do dia ressoa
com aquela voz
que não assusta mais.
Quer ser terrível,
mas apenas provoca
risos
e piedade,
desfia impropérios
e ninguém acredita.
Todos vão seguindo,
alheios e
com seus afazeres
através dele,
o outrora seu reino,
o dia.

≡ DAS ACROBACIAS

A poesia é sem redes:
escrever, saltar,
o mesmo
gesto.
E a queda,
lenta ou vertiginosa
– tanto faz –,
acaba sempre
no mesmo lugar:
o espanto.

≡ OSTRÁ

Duro é o esquecimento
de estar entre
pedras
marinhas
de abissais lugares,
suspenso
no tempo,
à espera do salvífico sinal.

FILME-CATÁSTROFE

Uma nuvem
definha
ante
o império
do sol.

≡GRAMÁTICA

A linguagem dos espelhos
não transige com disfarces
ou subterfúgios
e tudo se diz assim,
tal cristal,
face a face.

≡PICADA

O instante
estampa
na cara este espanto:
existir.

TOCAR A FLAUTA

Tocar a flauta
– de Hamelin ou de Pã,
pouco importa –
e encantar as palavras,
domá-las
para que elas,
dóceis e entregues,
sigam-me
pelas sendas do verso
e se instalem
definitivas
na jaula branca de papel.

≡PRECE

Senhor,
dá-me o dom da síntese,
ser meu poema
como a flor
que se guardou numa
gaveta
e que depois
de atirada ao léu
deixou nela apenas
o rumor
de seu perfume.

≡ MEIO

Estar entre
o rio
e a margem,
entre a laringe
e a canção,
expectante
como o animal
beirando a presa,
ainda vida,
mas depois
alimento,
neste espaço entre
sonho e concretude,
o meio.

≡FILHO

A mulher dorme
inconsciente de que
na barriga
intumescida
carrega a resposta
para a filosófica
questão,
aqui respondida sem física
ou metafísica:
o feto é já um ser?

≡ MANHÃ NO ZOOLOGICO

O rinoceronte
banha-se no mar,
refestela-se contente
na areia
e deixa que as sete ondas
molhem seus paquidérmicos pés.
Na praia,
cada qual
em sua jaula,
os humanos assistem.

≡ MANHÃ

Hoje estou tomado
por desejos
ornitológicos:
beijar o céu
e morrer num fio de alta tensão.

≡ AULA

Penso no tempo, sempre.
Fico muito distraído
e em plena aula,
falando de Tutancâmon,
saio de mim.
Olham-me trinta e dois olhos,
trinta e dois vezes dois,
meus alunos.
Mas é impossível
trazer-me de volta.
Estou há milênios a. C.

≡ A IMPOSSÍVEL EXEGESE

Pedir ao poeta
que explique o poema
é como pedir
ao cirurgião
que abra o próprio
flanco e,
deitado sobre a mesa,
explique-se.

≡ OS OSSOS

Manter de pé
e equilibrar oitenta
e três quilos
desta carne tão viciosa
não é tarefa fácil.
Por isso, amar os ossos,
eles que erguem o sujeito
e o levam
serelepe
aos quatro cantos para depois,
súbito,
cessar todo o movimento
e acomodar-se na caixa
em que se fará a viagem final,
onde,
humildes mesmo ao fim
de uma existência
inteira de esforços
e excessos,
irão se contentar
com a definitiva forma de pó
solto ao vento
e seu intermitente
sopro.

≡ A UMA PEDRA

para mim

Carrego comigo
uma pedra
da qual nunca falo.
Somos esquivos
e evitamos
qualquer contato,
pois sabemos inútil
nosso diálogo.
E sendo duas
naturezas difíceis,
brutas ainda,
vivemos alheios um
ao outro,
esperando o temido dia
em que eu
a recolha com a mão
direita
– e ela se deixe envolver
no ninho
de minha palma –,
atire-a ao longe
e siga
sem ela.

≡ O CATAVENTO

Persistente é
este velho catavento
de lata,
que mesmo cravado
por décadas
a esta estaca
e sujeito ao tempo
e seus caprichos,
reproduz
incansável
o murmúrio do mundo.

≡UM CRIME

O nome
conspurca a coisa
com o sangue da lógica,
inteligível,
ela que só quer isto:
ser.

≡ POEMA RETIRADO DE UM SITE DE NOTÍCIAS

Qual futebol!
Descubro agora
entre as sanguinolentas
telas da gazeta virtual
que o novo esporte
nacional
é este, redivivo de portugueses
tempos:
caçar e trucidar
índios.

≡ MICROCOSMOS

I – Assassinato na biblioteca

Machado de Assis
e seus respeitáveis *Papéis avulsos*
acabam de esmagar,
com um certo golpe
de lombada,
uma indefesa aranha.

II – Manifesto de garfo e faca

Conosco é sempre
a mesma
e sórdida história:
“lavou tá novo”.

III – O desabafo da pulga

Chega, quero descer:
não aguento mais
a indecisão deste
cão!

IV – Breve relato das gotas de lança-perfume

De nariz
em nariz:
que viagem!

V – Assassinato na biblioteca II

Agora foi a vez de
Silviano Santiago, que,
usando suas *Histórias mal contadas*,
abateu a mosca verde
em pleno
voo.

≡ RESÍDUO

Entre as dobras do
tempo,
suas flácidas pregas
sobrepostas como camadas
de um velho
rocambole,
ficou este resíduo,
caraca da memória
que teima
em fazer sentido.

≡ **ESTA MESA**

Esta mesa:

um rio caudaloso
de caos e papéis.

Um museu confuso onde guardo
os receptáculos
dos meus dias.

Uma trincheira que me separa
do interdito que queda do outro
lado do abismo.

Um sol que resplandecerá
mais do que o próprio sol,
se a livrarmos do fardo de
ser apenas
esta mesa.

≡ROTA

A tarefa:
buscar uma palavra
que oriente todo o viver,
que dê sentido
aos passos que vagam
por desoladas paisagens,
um contraponto
às difusas
melodias produzidas
na aridez das coisas.
Só então prosseguir.

≡ UMA MÃO

A mão pousada
sobre a mesa
tem muitos significados.
É a vida que, inerte,
não segue.
É a ordem pausada,
cuja coragem de se dar
desapareceu.
É um exército de possibilidades
entretido com o real.
É o livro
que talvez escreverei.
É este poema
que agora é,
mas que antes foi hesitação
e dúvida.
É o afago que quero dar,
mas tua ausência
impede.
É um gesto de paz
em meio à guerra
de todos os dias.
É a recusa
de uma mão cansada
de existir.
Ou é apenas uma mão
pousada
sobre a mesa.

≡ AOS ÁRCADES

Entre as múltiplas faces
do disfarce
descubro que fingir
é como estar diante do
espelho
e que ser um outro é
ser o mesmo.

≡ O ÚLTIMO

para Mary

Quero escrever
um poema perfeito
como este café
que acabo de fazer,
mas que ninguém
além de mim
vai tomar.
Ele irá se depositar
em meus órgãos,
seus resíduos
– o pó do pó –
dividirão
o espaço
com este poema
perfeito
que ainda não escrevi,
mas que aguarda,
ainda de vez,
o dia de
nascer.



Jorge Luís Verly Barbosa (1981) é capixaba de São Mateus. Professor de História, atualmente cursa o doutorado na Universidade Federal do Espírito Santo (PPGL), com pesquisa sobre a obra do compositor Sérgio Sampaio.



Parceria



Realização



GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria da Cultura